

mercado



Kamihukalu Kamayura, 31, usa o celular ao lado das baterias que são abastecidas por placas solares, em sua casa na aldeia Ngosoko, na Terra Indígena Wawí, no Xingu

Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

# Energia na Amazônia

## Sol ilumina as noites e muda a vida de 120 aldeias no Xingu

Para indígenas, sistemas fotovoltaicos levam luz e tecnologia às aldeias sem prejuízo à cultura e ao meio ambiente

Alexa Salomão e Lalo de Almeida

**PARQUE INDÍGENA DO XINGU (MT)** O domingo de 17 de julho foi agitado nas proximidades da entrada leste da Terra Indígena do Xingu, área do povo kisêdjê, na altura de Querência (MT). Logo cedo já era possível ouvir o rumor das máquinas operando na mata rente à reserva. À tarde, a preocupação foi o incêndio. Ele avançava havia três dias, dando trabalho aos brigadistas, e a fumaça engrossara.

A Terra Indígena no Xingu não está ligada ao sistema nacional de energia elétrica. Boa parte do abastecimento depende de geradores a diesel, que operam apenas algumas horas à noite. Uma ação com um drone, como essa, só é possível graças a um componente adicional, a oferta de energia solar. Atualmente, todas as 120 aldeias do território indígena têm algum sistema de geração fotovoltaica, com placas e baterias, o que garante abastecimento durante o dia e boa parte da noite, especialmente nos meses secos do inverno no Centro-Oeste. Pelo menos 108 comunidades têm sistemas em áreas coletivas. Nas demais, é possível encontrar placas particulares, implantadas pelas próprias famílias. Os equipamentos costumam

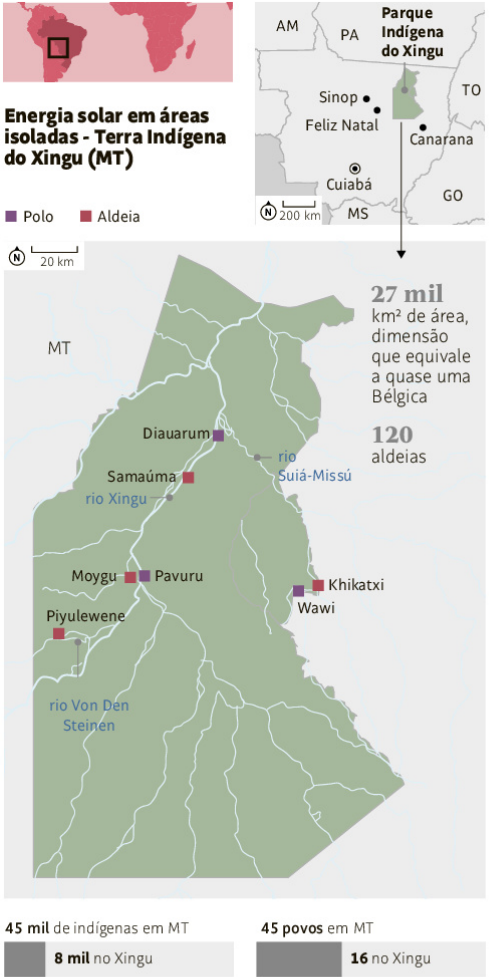
ser mais robustos nos chamados polos, os espaços comunitários onde ficam a escola e o posto de saúde. O estúdio de Kamikia está em um desses polos, o de Wawí, na terra do povo kisêdjê. Ele conta que foi um dos primeiros indígenas a usar um drone porque teve infraestrutura. “Uso energia solar para tudo. Para carregar celular, baterias, os computadores que fazem a edição de imagem. Tenho até um carregador solar portátil”, diz. Em todo o mundo, a energia solar hoje é vista com alternativa limpa e barata na transição energética, para reduzir a dependência de combustíveis fósseis. No Brasil, essa fonte se tornou rentável e teve crescimento de 40% no primeiro semestre deste ano. Na Terra Indígena do Xingu,

As imagens do desmatamento e do fogo foram registradas pelo drone de Kamikia Kisêdjê, 38, fotógrafo e cineasta indígena cujas câmeras monitoram os perímetros. Há dois anos, as terras limítrofes a uma fazenda de cultivo de grãos começaram a ser desmatadas ilegalmente. As fotos e vídeos de Kamikia viraram provas para que as autoridades fossem acionadas. O risco voltou, e a reação dele também.

porém, além de aliada na preservação do ambiente, ela é vista como uma forma de manter sua cultura ancestral. “De uns dez anos para cá, começamos a participar dos debates sobre mudanças climáticas e descobrimos que a nossa forma de viver contribui muito para o equilíbrio do ambiente e do clima. Para nós, o uso da energia é entendido nesse contexto”, afirma Ianukula Kaiabi Suiá, 44, presidente da Atix (Associação Terra Indígena do Xingu). Ianukula explica que a energia das hidrelétricas é limpa, mas traz uma contradição para os indígenas: as obras levam ao desmatamento de grandes áreas. Ainda está presente na memória dos moradores da região a batalha perdida contra a usina de Belo Monte, no rio Xingu.

### Entenda a série

A **Folha** publica até a próxima semana uma série de três reportagens especiais sobre os desafios de levar energia sustentável aos moradores da Amazônia. Ao todo, o Brasil ainda tem 1 milhão de pessoas desconectadas da rede de transmissão de energia elétrica. As realidades do Xingu (MT), da Ilha de Marajó (PA) e de Boa Vista são retratadas na série. O projeto foi produzido com o apoio da Rede Energia e Comunidades.



Aderir ao sistema nacional de energia também significaria permitir a instalação de linhas de transmissão nas terras indígenas, abrindo flanco para invasores. “A gente quer energia nas aldeias, mas não qualquer energia”, afirma. Em anos recentes, as comunidades passaram a viver mudanças movidas pelo desejo de usar a energia do sol. O catalisador, ele conta, foi a pandemia da Covid. Com as aldeias fechadas, a troca de informações, a compra de suprimentos e até as assembleias de lideranças indígenas foram transferidas para plataformas digitais, o que exigiu a expansão da internet. “Até 2020, poucos lugares tinham internet, mas, durante o isolamento da Covid, as comunidades se organizaram para ampliar, e muita gente co-

locou até internet particular. Hoje, você encontra em praticamente todos os lugares”, diz Ianukula. “Como internet precisa de energia permanente, cresceu junto o interesse pelos sistemas solares, já que não há como manter um gerador a diesel ligado o dia todo.” A reboque, o celular se popularizou nas aldeias, em especial entre os jovens. É na corriqueira encontrá-los reunidos no entorno dos locais onde há sinal de internet, mergulhados nas telinhas. Segundo Mbepkonoro Kisêdjê, 15, eles conversam com amigos e parentes em outras aldeias ou com brancos com quem fizeram amizade em redes sociais. No Instagram, Mbepkonoro costuma publicar fotos trajando indumentárias da tradição kisêdjê.

Continua na pág. A23